

Nove milhões de sismos ou um tremor de terra para cada qual

Por **MANUEL DE AZEVEDO**

Diz-se insistentemente que houve um tremor de terra no dia 28 de Fevereiro. Já passaram mais de oito dias e as pessoas ainda não falam de outra coisa. A cisma do sismo.

Pois eu acho que não houve um sismo. Houve, isso sim, nove milhões de sismos. Estou pronto a provar que cada qual teve o seu tremor de terra privado, completamente diferente do que sentiu o vizinho e vice-versa.

Não meto, aliás, nenhuma lança em África. Se já conversaram o suficiente com os amigos, com a porteira ou com os colegas de trabalho (e quem o não fez?) puderam também concluir, certamente, a evidência da minha tese.

Vamos, porém, ao assunto.

INTENSIDADE

Conheço um engenheiro sereno e sabedor que teve em casa um sismo de tal modo violento que o levou a concluir, sem grande esforço encontrar-se Lisboa quase totalmente destruída. Arrastou a família para o automóvel, meteu pela estrada do Norte e só voltou a dormir em casa três dias depois.

Um casal jovem (conheço apenas o marido, um barbuído entroncado mas nervoso) vive numa casa onde quase não houve sismo algum. A intensidade do fenómeno foi tão fraca que o casal não acordou. Souberam do caso pela leiteira.

Empregado de escritório, vive num quarto para os lados do Saldanha. Acordou com as vibrações do prédio. Acendeu a luz, olhou para o relógio e pensou: «Esta agora já passa das três e meia e ainda há metropolitano!» Voltou-se para o outro lado e adormeceu.

LÓGICA INFANTIL

A mãe, ao sentir a casa a tremer, correu para o quarto do filho. Este, um rapazinho de 3 anos, estava sentado calmamente na cama. Ao ver a mãe aflita, acalmou-a: «São as terras com frio».

Outro rapazinho da mesma idade assustou-se, porque o pai caiu com ele, quando o tirou precipitadamente da cama em que dormia. Nessa manhã, dizia a toda a gente que tinha havido um tremor de terra no seu quarto.

— No teu quarto? — admirou-se uma vizinha. Em toda a casa, em toda a parte — respondeu.

— Isso é que não. Só houve no meu quarto! — insistia o...

gulosos. Quando o meu pai me tirou de lá, no quarto dele e da mãe não tremia nada. Foi só no meu quarto. E' por isso que não vou dormir lá esta noite.

DECISÃO RÁPIDA

Enfrentara já corajosamente, momentos difíceis. Suportara, durante muitos anos, dignamente, situações dolorosas. Era um homem experiente da vida, decidido e firme.

Vive num primeiro andar. Quando se apercebeu do sismo, lançou-se rapidamente pela janela. Já no ar, teve a noção de que estava a cometer uma imprudência. «Que estúpido que eu sou!» Mas já não pôde voltar atrás. Partiu uma perna.

— Raciocínio lento — comentei eu, ao tomar conhecimento do caso.

— Não. Decisão demasiado rápida — replicou o narrador da história e amigo do protagonista.

DESPISTE

Um chefe de família dinâmico, habituado a tomar a responsabilidade das decisões. Habituado a segundo andar. Ao sentir tremer a casa, percebeu logo tratar-se de um sismo violento. Acendeu a luz saltou da cama e gritou:

— Todos para a rua!

Em pijama, descalço, atravessou o corredor a correr, abriu a porta e meteu pelas escadas, subindo os degraus, dois a dois. Só parou no quinto andar, porque não havia mais escada.

Só então caiu em si. Envergonhado, começou a descer calmamente as escadas, pro-

curando misturar-se com os vizinhos que também procuravam já, nessa altura, refugio ao ar livre. Quis entrar de novo em casa, mas a porta estava fechada. Não havia ninguém lá dentro e não tinha chave.

A tiritar de frio, foi descalço para a rua, em pijama, procurar a família que mandara sair, com voz de comando.

CONVERSA À VARANDA

Naquelas casas antigas aconteceram algumas coisas. Caiu calça, partiram-se copos e pratos, dançaram móveis. Ouviram-se alguns gritos de pânico. Uns vieram para a rua estreita, outros vieram para as varandas comentar o sismo.

Aquele homem de cinquenta anos, excitado, explicava para a varanda vizinha o que sucedera em sua casa. A certa altura a mulher lembrou-se de que o marido dormia só com casaco de pijama. Começou a puzar-lhe por um braço, envergonhada.

— Vai para dentro! Que vergonha!

O marido libertou o braço, com um repêlho.

— Não me interrompas!

E a conversa continuou, entre vizinhos e vizinhas á varanda.

Só uma coisa existia: o sismo.

NOVE MILHÕES

Não houve um sismo. Houve nove milhões de sismos. Um tremor de terra para cada qual.

Houve os que ficaram sem casa. Houve os que ficaram sem louça. Os que ficaram a habitar em prédios agora com a estrutura fracturada, a julgar que nada sucedeu. Houve os que morreram de susto e os que negaram o medo.

De tudo houve. Um sismo só, é que não.

Daqui a uns tempos já ninguém falará do caso. E ainda bem. Já começa a ser monótono.

Falar só... não adianta.

MORREU SUBITAMENTE

UM MÉDICO QUE IA ESPERAR O FILHO

LEIRIA, 9 — O sr. dr. José Maria dos Santos Lobo, de 64 anos, natural de Lisboa, há cerca de um mês a prestar serviço como médico da Casa do Povo de Monte Redondo, deste concelho,

contava ir á capital, assistir á chegada do seu filho, sr. João dos Santos Lobo, alferes miliciano, que regressara do Ultramar.

Já a caminho de Lisboa, sentiu-se mal, e a esposa daquele clínico, sr.ª dr.ª D. Lucília Maria dos Santos Lobo, dirigiu-se ao hospital desta cidade com o marido, mas já nada havia a fazer! Anteriormente sucumbira a uma síncope.

O corpo foi removido para a casa mortuária daquele hospital.

DE ONTEM PARA HOJE

ACIDENTE COM UM MORTO

Há vários espanhóis a trabalhar nas obras de construção da refinaria norte-nha da Sacor no Cabo do Mundo. Quatro deles foram ontem jassear de automóvel. Um «renta-car» praticamente novo, saindo de Leça da Palmeira pela Via Norte, No Alto da Azurara, em Vila do Conde surgiu-lhes um homem de bicicleta e o condutor manobrou desesperadamente para não o colher, precipitando assim um grave acidente. O automóvel só parou de encontro a um muro. De entre

a chapa torcida foi retirado o cadáver do montador de máquinas António de Jesus Ayala, natural de Villa Sánchez e morador em Leça, Rua dos Heróis de Africa 248. Há quatro feridos: o ciclista que ficou debaixo do carro e é o es-

tudador Henrique Campos de Azevedo 19 anos, do lugar de Valraio, e os companheiros do montador de máquinas, um picheleiro (Alfredo Vilho Roel Albeia, 39 anos) e dois soldados (António Cid de 27, e Luís Troche de 23).

RENDIÇÃO NA EMBAIXADA

Partiu ontem de Lisboa o dr. Heinz-Georg Fett, que entre nós desempenhou o cargo de adido de Economia junto da Embaixada da Alemanha Federal e foi agora nomeado conselheiro económico

do seu país em Haia. Muito conhecido no meio financeiro e mundano da capital, o diplomata viu á sua volta no momento da despedida, dezenas de amigos portugueses.

EMPURRADA PARA A LINHA

Deu entrada Hospital de S. Jo gravemente ferido sr.ª D. Assunção Maria Guerreiro Rodrigues de 38 anos residente no Cacem Aven da D. Nuno Álvares Pereira, nº E-1 2. Colheu um comboio naquella localidade suburbana e o acidente teve do ar de imprevisão. Alguém, na be-funda do momento empurrou a po-senhora que já não levara tanto tempo. Recebe-se a sua vida.

RECENSEAMENTO ELEITORAL—

A importância da assembleia justifica o relevo dado ao recenseamento

ALGUNS CIDADÃOS NÃO PODEM INSCREVER-SE—TODOS OS OUTROS DEVEM FAZÊ-LO ATÉ AO PRÓXIMO DIA 15

A pouco mais de uma semana do fim do período fixado para o recenseamento eleitoral que, como se disse já por várias vezes, termina no próximo dia 15, de novo se acentua a importância que tem para a vida do País as eleições dos deputados á Assembleia Nacional.

Essa importância decorre, naturalmente, das atribuições da própria Assembleia Nacional que é o órgão legislativo por excelência.

Com efeito, se é certo que o Governo tem também competência legislativa, através dos decretos-leis, também é verdade que há matérias da exclusiva competência da Assembleia Nacional á qual competem ainda funções que não são legislativas.

As atribuições da Assembleia Nacional ocupam o capítulo III da Constituição Política da República Portuguesa. Entre elas, salienta-se que lhe compete «fazer leis, interpretá-las, suspendê-las e revogá-las» e «vigiar pelo cumprimento da Constituição e das leis e apreciar os actos do Governo ou da Administração».

Entre outras atribuições que merecem relevo contam-se as seguintes: «tomar as contas respeitantes a cada ano económico, tanto da Metrópole como das províncias ultramarinhas, as quais lhe são apresentadas com o relatório e decisão do Tribunal de Contas, se este as tiver julgado, e os demais elementos que forem necessários para a sua apreciação; autorizar o Governo, até 15 de Dezembro de cada ano, a cobrar as receitas do Estado e a pagar as despesas públicas na gerência futura, definindo na respectiva lei de autorização os princípios a que deve ser subordinado o orçamento, na parte das despesas cujo quantitativo não é determinado em harmonia com as leis, preexistentes; autorizar o Chefe do Estado a fazer a guerra, se não couber o recurso á arbitragem ou esta se malograr, salvo caso de agressão efectiva ou emilitada por forças estrangei-

ras, e a fazer a paz; declarar o estado de sitio, com suspensão total ou parcial das garantias constitucionais, em um ou mais pontos do território nacional, no caso de agressão efectiva ou emilitada por forças estrangeiras ou no de a segurança e a ordem públicas serem gravemente perturbadas ou ameaçadas».

Entre o que constitui matéria da exclusiva competência da Assembleia Nacional, conta-se a aprovação das bases gerais sobre a organização da defesa nacional; o peso, valor e denominação das moedas; principais; o padrão dos pesos e medidas; a criação de bancos ou institutos de emissão; a organização dos tribunais.

A expressão regional da vontade dos eleitores

Como se sabe (e talvez muitos não saibam) a Assem-

bleia Nacional é composta por 130 deputados, eleitos por sufrágio directo dos cidadãos eleitores; e o seu mandato terá a duração de quatro anos prorrogáveis salvo o caso de acontecimentos que tornem impossível a realização do acto eleitoral.

Indicamos a seguir o número de deputados que pertence a cada círculo: Braga, Bragança, Castelo Branco, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Setúbal, Viana do Castelo e Vila Real — 4 cada um; Aveiro, Braga, Coimbra, Leiria, Santarém e Viseu — 6 cada um; Lisboa e Porto — 12 e 10, respectivamente; Funchal, Ponta Delgada e dia — 3 cada um; Angola, Moçambique — 7 cada um; Angra do Heroísmo e Cabo Verde — 2 cada um. Os restantes círculos (Horta, Mé. Macau, S. Tomé e Príncipe e Timor) têm um deputado cada um.

Sobre esta «reorganização da Assembleia Nacional», cor-de-se o preâmbulo do decreto-lei n.º 37 585, de 13 Outubro de 1949, no qual lê: «O sistema de eleição de deputados por círculos territoriais assenta, como é óbvio, no princípio de se procurar a expressão regional da vontade dos eleitores. Tem, entretanto, pois, que os toques que decidiram, nas urnas sobre essa expressão não dem emanar senão dos eleitores recenseados no próprio círculo».

É, pois, indispensável que todos os cidadãos com capacidade para tal se inscrevam no recenseamento de deputados á Assembleia Nacional. Só assim poderá ser fundada a «expressão regional da vontade dos eleitores».

Os duzentos anos de actividade da Imprensa Nacional

Juntamente com a Filigrãfica decorre, nas instalações da Feira Internacional de Lisboa, uma interessante exposição documental dos duzentos anos de actividade da Imprensa Nacional de Lisboa.

Com a relação do primeiro material adquirido, assinala-se a incorporação das fábricas de caracteres e de cartas de jogar; a criação da escola de gravura, com vários espécimes de cobre e de madeira dos mais famosos artistas dos séculos XVIII e XIX, e ainda algumas das mais importantes obras de divulgação da

cultura portuguesa nos aspectos literário e científico.

Pode admirar-se a reconstrução de uma tipografia do século XVIII, esta última em plena laboração, e alguns instrumentos de trabalho activos; a fundição de tipografia e gravura.

No mesmo salão realiza-se uma exposição de exemplares, entre os que uma colecção da Fundação Calouste Gulbenkian, dohada pelo artista António Lima.

TAPETES

Carpélio

Dist. Exclus.

Elio Amorim & Filho, Lda.

PORTO—LISBOA

CARPETES

BANCO DO ALENTEJO

também no **ESTORIL**